



Dias de chuva

Som de pingos batendo no telhado e na terra, cheirinho de terra molhada... Amanheceu chovendo e a vontade é virar pro lado, puxar bem as cobertas e dormir mais um pouquinho. O gaúcho até fica mais uns cinco minutos que lhe parecem muito mais naquele torpor do sono que luta em se sobrepor à claridade que teima em fazer os olhos e a consciência se abrirem para o novo dia.

Dia de chuva na campanha. Dia em que as rotinas da casa e da lida se modificam. Mesmo com chuva, cedo é preciso cuidar dos animais, tirar o leite das vacas, cuidar dos guaxos... O trabalho no campo, na lavoura, na horta, nesses dias é preciso deixar, esperar. Só quando a chuva der uma estiada ou parar de vez para voltar ao serviço e ainda aproveitar que a terra está molhada para carpir as ervas-





daninhas, afofar a terra, organizar canteiros. Também é dia de juntar água da chuva em grandes tonéis para depois ocupar regando plantas, limpando utensílios, economizando a água da cacimba.

Na casa é dia da gurizada e da mãe dormirem “um poquito más”. Mas também é dia da mãe costurar roupas novas, fazer remendos, abrir e cardar a lã para os acolchoados. De tarde a “séstia” é mais longa. Dia de comer coisas diferentes: a mãe aparece com prato de bolo frito e um café preto, às vezes engrossado com farinha de mandioca pra dar uma sustentada na fome da gurizada.

Mas, também, é dia de movimento no galpão. A peonada, a gurizada e os patrões por vezes também se juntavam para debulhar milho com as mãos, por exemplo. E nesse debulhar de espigas debulhavam também assuntos variados, desde sobre o trabalho até as novidades “do povo”. Contavam histórias, sempre havia algum cantor, ensinamentos eram transmitidos.





Especialmente nesses dias se mexe com as cordas feitas de tentos de couro. O tempo úmido deixa o couro macio e o guasqueiro pode criar material de trabalho e arte. A arte de trabalhar o couro e transformá-lo em tecnologia para o trabalho, em produzir o artesanato detalhado, caprichado, minucioso, a arte de pensar lonjuras, de imaginar a vida e sentir esperanças enquanto cria.

Dia de chuva é dia diferente, é dia de criança brincando na terra molhada, dia de sabores especiais, de cheiro de terra molhada, de sorver o mate mais devagar e sentir melhor seu gosto, de perceber o vapor que sai do mate se misturando à paisagem...

Dia de uma rotina diferente, dia de mesmo em movimento pausar a vida e repensar sua trajetória.





O guasqueiro, aquele que lonqueia o couro, estaqueia, sova, tira a guasca (pedaço de couro) e dela tira os tentos para transformar em objetos artesanais:



Alexandre Pereira da Rosa



Jairo Lambari Fernandes – cantor e guasqueiro





Porta-cuia feito de casco e tentos pertencente a Uilber Rodrigues de Alencastro, feito por Jairo Lambari Fernandes.



Música “Milonga de fazer cordas”,
de Luis Felipe Cornel





Hugo Severo Torres - pecuarista e guasqueiro –
Sant'Ana do Livramento / RS



Laço fino antigo feito por guasqueiro (foto cedida
por Franco Pereira - Cacequi / RS)





Com o passar do tempo, as novas tecnologias foram facilitando o trabalho no campo. Hoje os laços de campo são mais raros, pois os guasqueiros são raros. E também porque novos materiais foram inventados, mais duradouros, fortes e de menor valor para compra. Os laços, na sua maioria, são fabricados em indústrias de laços e usados em rodeios nos CTGs. São fabricados laços de couro e sintéticos. No vídeo você vai ver as etapas básicas da fabricação dos laços, hoje, nas fábricas:



Luis Henrique Marin Cunha
Fábrica de laços Marin Cunha - Cacequi / RS

